

ALEXANDRE EULALIO

Os brilhos todos

Ensaio

Crônica

Artigo

Entrevista

Apresentação

Nota

Crítica

Resenha

Poesia

etc.

Organização e notas

Carlos Augusto Calil

Prefácio

Vilma Arêas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Alexandre Eulalio Almeida Pimenta da Cunha

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Imagem de capa

Pintura, Maria Leontina, 1967

Óleo sobre tela, 150,3 × 149 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil

Compra do Governo do Estado de São Paulo, 1969

Reprodução de Isabella Matheus

Preparação

Andressa Bezerra Corrêa

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eulalio, Alexandre 1932-88

Os brilhos todos : ensaio, crônica, artigo, entrevista, apresentação, nota, crítica, resenha, poesia etc. / Alexandre Eulalio ; organização Carlos Augusto Calil ; prefácio Vilma Arêas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2854-9

1. Crítica literária 2. Literatura – História e crítica
I. Calil, Carlos Augusto. II. Título.

16-09214

CDD-801.95

Índice para catálogo sistemático:

1. Crítica literária 801.95

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

— *todos os reflexos, os brilhos todos, todas as pátinas.*

Sumário

PREFÁCIO — *Alexandre Eulalio revisitado*, Vilma Arêas, 11

PARTE I — NOTAS DE UMA AGENDA (JORNALISMO: ENTREVISTA,
CRÍTICA E CRÔNICA)

Uma tragédia americana, 25

A morte de Graciliano Ramos, 33

Uma farça de Crommelynck, 37

O bestiário fabuloso de Jorge Luis Borges, 46

No Rio, com Clarice Lispector, 54

Música & teatro, 60

Um ficcionista portenho, 62

Guignard, o manso, 64

Carroll revisto por Faulkner, 67

Borges em inglês, 69

Marienbad: uma invenção de Morel, 71

Aparência de Belo Horizonte, 74

Toda nudez será castigada, 77

A residência do insofrido, 81
Os Beatles são um pouco de tudo para todas as pessoas, 87
O concreto Corbusier, 90
Presença de santa Teresinha nas letras e artes no Brasil, 94
Um pouco de Sartre, 98
Bocage vive ainda, 100
Ampulheta de Borges, 106
O Ceasa de Eckhout, 109
Exercícios de leitura, exercício de surpresas, 112
Um resumo da nossa arte desde o Império, 116
Aquela morte em Veneza, 125

PARTE II — MESTRE DE CERIMÔNIAS (RESENHA, APRESENTAÇÃO
DE LIVRO, EXPOSIÇÃO, CONCERTO, FILME)

Macunaíma, fábula e autorretrato de um povo, 133
Pedro Malazarte &TC, 136
Obscuridade iluminura, 144
Do opaco ao rutilante, 147
Um lance triplo de dados, 149
O lugar de Brito Broca, 164
Savinio, desconhecido, 172
Charters de Almeida: praticáveis para a utopia, 175
A poesia da função, 183
Duas palavras:, 199
Uma paginação da paisagem, 203
O sarcasmo solene de Brancati, 207
Pano para manga, 218
Sobre a iconografia no Museu de Arte Sacra, 225

PARTE III — CORREIO NOTURNO (POESIA)

LT a Murilo Mendes, 242

Um eulaliograma apenas, sem mistificação, Francisco Roberto
Papaterra Limongi Mariutti, 251
A Quirino Campofiorito, 256

Este livro, 259

O autor, 262

Referências dos textos, 265

Créditos das imagens, 271

Índice onomástico, 273

Prefácio

Alexandre Eulalio revisitado

Vilma Arêas

E se tento isolar o ensaio com o máximo de radicalismo, é justamente porque o considero uma forma artística.

Georg Lukács, “Carta a Leo”

Não duvido que cause satisfação inesperada um novo livro de Alexandre Eulalio, primo do *Livro involuntário*,¹ organizado também pelo Calil, que, em desobediência ao escritor, mais uma vez se debruçou sobre seus escritos. Alguns dos textos de agora já estão publicados em livro, outros foram rearranjados, para que do novo convívio entre eles surja talvez um outro sentido, capaz de nos levar a uma nova compreensão do que lemos.

É que Alexandre Eulalio, embora escritor fecundo, conforme todos sabemos, só nos deixou um livro publicado — *A aventura brasileira de Blaise Cendrars* (1978) — com uma segunda edição² revista e ampliada com inéditos do escritor francês, desenhos, correspondência etc. Mesmo o “Ensaio literário no Brasil”³ ga-

nhador do prêmio Brito Broca em 1963, só veio à luz após a morte do ensaísta.

Seria o “demônio do perfeccionismo” a causa de o autor manter tantos ensaios admiráveis “em estado de gaveta”?⁴ Ou devemos mesmo acreditar na qualidade de escritor esquivo, como Alexandre um dia se definiu? Difícil afirmar de uma vez por todas. O certo é que Alexandre Eulalio não gostava do constrangimento que as margens impõem ao que limitam. Para ele os fatos culturais em seus vários desdobramentos constituíam um único arco, animado, vivo, que incluía em seu movimento todas as artes e gêneros, da literatura à música, das artes plásticas à crítica, ou ao cinema, ou ao ensaio, localizados todos em seu momento histórico e relacionados com outras áreas de conhecimento.

É o que ele mesmo afirmou em introdução ao *Livro involuntário*:⁵ “O enriquecimento da crítica literária tem que se dar assim em nosso meio, pela interpenetração não apenas com a Sociologia (o que acontece pelo menos desde o projeto Desanctisiano de Sílvio Romero) mas principalmente com a História e a Antropologia, muito em especial com esta última, com a Psicanálise e com o urgente conhecimento da teoria e prática das outras artes”. E esclarece ainda que não se tratava “da proposição de um novo Eclétismo, mas da instrumentalização de saberes complementares que contribuem de modo decisivo para a operação hermenêutica”. Era necessário integrar a História à História das Formas, o texto ao contexto, inserindo-o ao mesmo tempo “no espaço abrangente da história das ideias, que é a história da cultura e história intelectual de uma coletividade”. Só essa medida, “passagem para a abrangência”, seria capaz de relacionar “marginalidade e internacionalização do conhecimento”.

As duas primeiras seções deste livro podem servir de confirmação dessas palavras. São 38 textos cobrindo trinta anos, agrupados também segundo o veículo de comunicação, que em geral

condiciona o propósito com que foram elaborados: os primeiros, conjunto de 24 escritos sob o título “Notas de uma agenda”, abordam assuntos variados publicados em jornais de grande alcance; o segundo grupo, “Mestre de cerimônias”, consta de catorze textos referentes a prefácios, apresentação de livros etc., acolhidos em veículos mais especializados; o volume se fecha com “Correio noturno”, “LT a Murilo Mendes”, isto é, telegrama noturno com tarifa reduzida sob a forma de poema “escrito em sonho”, dedicado ao amigo.

Curiosamente a estrutura do poema retoma o “Murilograma a Cesário Verde”,⁶ análise jocosa e apurada, cuja quebra no interior de cada verso mostra plasticamente o caráter andarilho dos personagens de Cesário, além de aludir ao ritmo sincopado do poeta português.⁷ Alexandre Eulalio retoma o mesmo tom jocoso, desde a explicação do poema: “Este LT foi escrito em sonho ao poeta de *O visionário*. Por isso tateia, tropeça, voa aos arrancos, fala alto, geme, ri sozinho: tem os olhos fechados e respira forte”. À primeira vista a coluna da direita comenta ou brinca com o que foi dito à esquerda, ambas usando e abusando de construções neológicas, experimentações etc. Não podemos também deixar de lado a possível ligação do poema com o filme em preparação sobre Murilo, mas o LT ainda espera uma análise que organize esses dados.⁸

A reunião desses escritos possui certo caráter dispersivo pela variedade da matéria; por outro lado os textos foram também organizados segundo o fio cronológico, como a sugerir os passos do ensaísta ao fluir do tempo, de 1952 a 1987. Além disso, eles são fiéis ao projeto de Alexandre já referido, ocupando-se de autores nacionais e internacionais, de obras maiores ou menores, relacionados todos por suas diferenças ou insuspeitadas correlações, além do traçado dos grandes painéis históricos a sustentá-los, a exemplo de “Um resumo da nossa arte desde o Império”.

Mas será um engano pensarmos que a sempre louvada erudição de Alexandre Eulalio e sua paixão literária o imobilizassem no isolamento dos especialistas ou nos labirintos estéticos, tornando-o isento da crítica franca. O “resumo” acima citado termina, por exemplo, com o ensaísta analisando com ironia “outra faceta dos nossos hábitos”, numa época em que surgia “o vacilante gosto visual da fração cosmopolita da nossa alta classe média, no princípio do século xx e mesmo depois, quando possuir obra de autor premiado nos *salons* europeus era nota indispensável de categoria seja social seja intelectual”.

É clara neste livro a importância de Mário de Andrade, cuja obra Alexandre admirava pela “complexidade milionária” e também por ser nosso modernista um escritor agregador, investigador e empenhado.⁹

“Crítica e condescendência”, escreveu o autor de *Pauliceia desvairada*, “são coisas divorciadas desde sempre.” E ainda: “As obras menores são importantíssimas, porém o seu valor é mais relativo que independente”,¹⁰ afirmação que gerou frutos, como sabemos, em nossa melhor crítica a partir do modernismo. Além dessas lições, Mário também meditou e trabalhou para desenvolver e compreender nossa cultura, projeto claro quando chefiou o Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo,¹¹ momento em que deixou de ser um “idealista mais ou menos disponível [...] pra [se tornar] um homem de ação”.

É natural, portanto, que a presença do autor de *Macunaíma* perpassasse neste livro em citações várias (filme de Joaquim Pedro, ensaios de Gilda de Mello e Souza e Jorge Luis Borges etc.), além dos estudos a respeito de sua vida e obra. Basta conferirmos “A residência do insofrido”, “*Macunaíma*, fábula e autorretrato de um povo” ou “*Pedro Malazarte &c*”, libreto composto por Mário que assim o definiu maliciosamente em carta a Manuel Bandeira: “um libretinho-merda de ópera-cômica”, com música de “Mo-

zart” Camargo Guarnieri. As descrições brincalhonas da obra certamente revelam mais entusiasmo que menosprezo, pois Mário sabia que a realização da ópera-cômica brasileira havia sido um projeto acalentado desde o século XIX.

Em “*Exercícios de leitura, exercício de surpresas*”, Alexandre faz várias ponderações ao analisar o belo livro de Gilda de Mello e Souza,¹² a partir do confinamento da ensaísta no gueto universitário, causa de permanecer escondido do leitor desavisado “um ininterrupto exercício de surpresas e descobertas apaixonantes”.

Sem forçar comparações indevidas com este livro, os textos analisados por Gilda também foram redigidos em diferentes circunstâncias, levantando questões de importância a respeito de temas variados: a estética dos professores franceses, artes plásticas, teatro, literatura, cinema. Alexandre se surpreende com a qualidade homogênea de páginas tão diversas e conclui que em sua análise seria inevitável que se destacassem “alguns momentos privilegiados”.

É o que farei em relação a este novo conjunto de escritos e seleciono de saída Borges, que aqui comparece com três textos, a começar por “O bestiário fabuloso de Jorge Luis Borges”,¹³ um dos mais conhecidos e comentados. Em sua análise Alexandre acrescentou à lista da zoologia fantástica do escritor argentino outros “monstros” de sua predileção, alguns já citados por Borges, a exemplo dos planetas descritos por Giordano Bruno como “*grandes animales tranquilos, de sangre caliente*”. Mas não podia faltar a laçada com o Brasil, segundo o método do ensaísta, que além de situar seus objetos os colocava estrategicamente à contraluz de outros. Assim surgiram os animais fabulosos da tradição brasileira, seja na produção erudita, seja em nosso folclore, como aqueles diletos da Marquesa de Rabicó, ou a assombrosa piaba mineira, fígada por um pescador de Varginha, meio peixe e meio revista, com seu farfalhar de folhas impressas enquanto se debatia presa ao anzol.

Embora em várias ocasiões Alexandre tenha criticado obras “de tese” ou “de chave”, agia do mesmo modo quanto aos indiferentes à questão social. Em “Ampulheta de Borges”, por exemplo, apesar da profunda admiração (*profundérrima*, diria Mário) pelo escritor argentino, Alexandre dele traça um retrato melancólico no final da vida, principalmente porque não soubera refutar os valores de toda uma época naquilo “que possuíam de mais monstruoso e perempto”, isto é, os valores de casta, a insensibilidade aos problemas sociais, a hierarquização valorativa de raças e culturas. E mais: “À margem do arco voltaico da sua obra, as opiniões políticas e sociais do ficcionista de *El Aleph* representam lancinante testemunho de desaceleração do tempo ideológico”.

Nessa mesma chave, não perca o leitor “O concreto Corbusier”, texto escrito em 1965, ano da morte do arquiteto, e que retorna entre diversos tópicos e artistas em “A poesia da função”, escrito em 1984, quando juízos estéticos estão também presentes na pauta da mesma discussão. Além de entrevistas e resenhas que se aproximam do ensaio pela qualidade — desse ponto de vista o veículo não importa tanto —, no volume existem pelo menos quatro textos sobre teatro. Em “Uma farça de Crommelynck”, considerado por Jacques Copeau o melhor artista de seu tempo, Alexandre passa a limpo toda a tradição da farsa, gênero indestrutível, nunca gratuito e presente na literatura brasileira desde suas origens. A partir da paródia litúrgica, “marca de sua origem sacral”, o ensaísta analisa as razões pelas quais a inquietação moderna recolheu a farsa do estado inferior onde a tradição a havia colocado. No desenvolvimento do tema, ele observa o gênero de perto, distinguindo de modo original “farça de ideias” de “farça lírica”, observando que em momentos de extrema crueza elas podem deixar em suspensão a comicidade, aproximando-se do absurdo.

Num texto datado de 1965 sobre *Toda nudez será castigada*, Alexandre analisa dessa vez o sentido geral da obra de Nelson

Rodrigues, sua oscilação tragicômica, o grand-guignol dos entrechinhos, sua violência, humor negro e desafio poético, defendendo a tese, rara na época, de que Nelson Rodrigues, o único capaz de tocar “nessa caixa de marimbondos”, fingira escrever uma peça realista, mas ela era, isto sim, “não realista”, espécie de “melodrama de costumes, de herança folhetinesca”, sem entretanto deixar de ser de primeira ordem. Acrescenta que a direção segura de Ziembinski, aliada à excepcionalidade dos atores, assegurou o equilíbrio do conjunto quando de sua estreia.

Não posso deixar de me referir aqui à entrevista feita com Clarice Lispector, quando a escritora não estava ainda na moda, publicada pela primeira vez em Lisboa¹⁴ e republicada por mim e Berta Waldman no número 9 da revista *Remate de Males* da Unicamp, em 1989. O próprio Alexandre nos entregara a separata um ano antes de sua morte, com a costumeira gentileza: “Se vocês acharem adequado...”. Ficamos gratíssimas e fotografamos as páginas para que abrissem a revista tal qual foram publicadas. Relendo o texto, observo a aproximação gradativa e delicada do entrevistador com a escritora, num diálogo entretecido de referências ao momento literário e à obra, que ele define como uma espécie de “vertigem imóvel”.

No entanto, o que hoje, com o passar do tempo, acho como vedor na entrevista é a visão de uma Clarice ainda jovem, avaliando com equilíbrio a própria obra, acreditando na literatura, respirando “uma calma tensa”, mas cheia de confiança no futuro, antes que os infortúnios a atingissem com tanta força mais tarde.

O equilíbrio e a construção minuciosa da entrevista, os detalhes finos e reveladores deixam também ver a figura do Alexandre artista, muitas vezes uma espécie de personagem, debruçado por sobre o ombro do crítico. Não há novidade nisso e vários amigos e analistas de sua obra se referiram ao fato. Certas relações insuspeitadas, conforme encontramos em “Marienbad: uma in-

venção de Morel”, ou em “Carroll revisto por Faulkner”, ou ainda as visões de Veneza na análise dos poemas de Lélia Coelho Frota dedicados a Maria Leontina (“Duas palavras:”), nos provocam, pela imanência de seu sentido poético, um sentimento vizinho da emoção estética. Percebemos que o personagem-poeta está sempre a postos — a poesia, mais uma arma de penetração — nesses textos abertos, porosos entre vários gêneros. No fundo ele não acreditava em nomenclaturas. O problema era outro, era o da compreensão do texto em sua sempre relativa liberdade.

Basta-nos observar a irônica definição com que apresentou seu livro premiado em 1978: “reportagem, crônica, ensaio, álbum, seleta, registo de gravações, livro de figuras, roteiro de filme, documentário”. Essas palavras, repito, atestam sua descrença em recortes nítidos, certo desapego pelas teorias, que coincide, segundo Antonio Candido, com o gosto pelo real, pela obra em relação ao mundo. O leitor e o crítico em Alexandre se equiparam ao artista. Por isso admiramos tranquilos, em “Guignard, o manso”, o balão incendiando-se na tarde luminosa, enquanto os fogos, “margaridas altíssimas, queimavam-se”; ou Corbusier colhido pela morte “nesse mar cor de vinho que se espraia de Homero a Saint-John Perse”; em “Aquela morte em Veneza”, lemos que o corpo morto de Stravinski foi levado numa gôndola que “arrastava principescamente pela água uma cauda negra franjada de ouro. Esse pano molhado de sal ficou valendo para mim como o coerente pano de boca que descia sobre fecundo mundo da arte stravinskiano”.

Não se trata da simples presença de expressões rebuscadas, que podem funcionar para o afastamento da poesia. Aqui, ao contrário, elas disparam um sinal de alerta. E nos damos conta de que existe algo que oscila, algo que é difícil de compreender, banhado ao mesmo tempo pelo estilo “sóbrio e incandescente” que ele atribuiu um dia a Gilda.

Então, revirando a dificuldade pelo avesso, acreditamos que a singularidade de Alexandre nos autorize a imitá-lo e interpretá-lo com a mesma liberdade de criação que ele se permitia.¹⁵ Sem absolutamente abrir mão do humor. De outro modo, como entender alguém que se definiu um dia como “um anarquista fascinado pelo Imperador”, que, carioca, se dizia mineiro de Diamantina, sendo ao mesmo tempo um intelectual empenhado, defensor dos vanguardistas do século xx e interessado na formação de uma tradição nas artes brasileiras? É que só alguns poucos como Alexandre conseguem atravessar o espelho da ficção e passar para o outro lado da vida sem desistir nem de uma nem de outra.

Não será por acaso que a conferência pronunciada por Antonio Candido em 1989 na Unicamp, em homenagem a Alexandre,¹⁶ tenha sido “A poesia pantagruélica”, com uma epígrafe de *Alice através do espelho*.

Aproveito a deixa e termino com um retrato de Alexandre traçado a mil cores por Zuca Sardan, outro notável equilibrista no mundo das artes e grande amigo do retratado. O trecho, com todas as liberdades e insights da poesia, está em “Alexandre Eulio, ou, o Coelho Branco”:¹⁷

Alexandre era um bizantino em Veneza. Uma finesse mais rara, uma inteligência mais labiríntica que a do próprio Doge. E de uma tão disfarçada modéstia, que era esta invisível. [...] Tinha um pouco do Borges disfarçado no Coelho Branco de Alice, e um pouco do Coelho Branco disfarçado em Jorge Luis Borges. E tinha muito do Borges. E muito mais do Coelho Branco. E muito do Alexandre disfarçado no próprio Alexandre. [...] Mas não conseguia enganar os amigos. Ou, pelo menos, nem todos. Tanto que deixou uma legião de amigos. Mas todos muito selecionados, uma espécie de tropa de Brancaleone de poetas, reitores, condessas italianas, intelec-

tuais em segundo grau, alquimistas em quinta-essência, livreiros, professores... Alexandre era — e é — uma figura caleidoscópica [...]. E com um incrível senso de humor.

Ninguém o diria melhor.

NOTAS

1. Alexandre Eulalio. *Livro involuntário: Literatura, história, matéria & memória*. Org. de Carlos Augusto Calil e Maria Eugenia Boaventura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

2. Id. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. 2. ed. rev. e ampl. por Carlos Augusto Calil. São Paulo: Imprensa Oficial; Edusp, 2001.

3. Id. “O ensaio literário no Brasil”. In: *Escritos*. Org. de Berta Waldman e Luiz Dantas. Campinas: Unicamp, 1992.

4. Cf. José Guilherme Merquior, “O demônio do perfeccionismo”. In: *Alexandre Eulalio diletante*, número especial da revista *Remate de Males*. Org. de Maria Eugenia Boaventura e Carlos Augusto Calil. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, jun. 1993.

5. Alexandre Eulalio, “À guisa de prefácio (A imaginação do passado)”. In: *Livro involuntário*, op. cit.

6. Murilo Mendes, “Murilograma a Cesário Verde”. In: *Poesia completa e prosa*. Org. de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

7. Vilma Arêas, “Três vezes Um. Apontamento”. In: *Estudios Portugueses*, Revista de Filología Portuguesa, Salamanca, v. 1, fac. 2, 2002.

8. Carlos Augusto Calil, em “Nota do organizador”, esclarece que o poema foi escrito em Veneza e Roma, em maio de 1971, quando Alexandre Eulalio se preparava para realizar o filme dedicado a Murilo Mendes e que, “salvo engano, serviu como pré-roteiro das filmagens”. Cf. p. 240.

9. Cf. o ótimo “Retratinho de Alexandre”, de Vinicius Dantas, em *Alexandre Eulalio diletante*, op. cit.

10. Cf. “A Raposa e o Tostão”. In: Mário de Andrade, *O empalhador de passarinhos*. 3. ed. São Paulo: Martins, 1972.

11. Imprescindível ler Mário de Andrade, *Me esqueci completamente de mim, sou um Departamento de Cultura*. Org. de Carlos Augusto Calil e Flávio Rodrigo Penteadó. São Paulo: Prefeitura de São Paulo; Imprensa Oficial, 2015.

12. Gilda de Mello e Souza, *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

13. Davi Arrigucci Jr. escreveu um ensaio esclarecedor sobre o tema: “Alexandre, leitor de Borges”. In: *Borges ou da literatura: Problemas de leitura e tradução*, número especial da revista *Remate de Males*. Org. de Carlos Augusto Calil, Maria Eugenia Boaventura e Orna Messer Levin. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, 1999.

14. Alexandre Eulalio, “No Rio, com Clarice Lispector”. In: *Boletim bibliográfico LBL*, edição Livros do Brasil, Lisboa, n. 4, jul./ago. 1961. Cf. p. 54.

15. Cf. “Retratos sem imagem”, em *Alexandre Eulalio diletante*, op. cit.

16. Cf. a seção “Em memória”, em *Alexandre Eulalio diletante*, op. cit.

17. In: *Novos Estudos Cebrap*, n. 42, jul. 1995.